

População de *Aedes aegypti* com evidência de aumento

A densidade populacional do mosquito *Aedes aegypti* tem dado mostras de aumento nas últimas semanas. De acordo com os painéis entomológicos divulgados pelo Instituto da Administração da Saúde (IASAÚDE), através dos dados recolhidos nas armadilhas colocadas um pouco por toda a Região (um total de 193 ovitraps - formas imaturas do mosquito - e 24 BG traps - formas adultas do mosquito), há um aumento de positividade na ordem dos 20% relativamente ao período homólogo de 2019.

Ao DIÁRIO, a vice-presidente do IASAÚDE, Bruna Gouveia, admite que a actividade vectorial no corrente ano, e comparativamente a anos anteriores, tem sido mais elevada em alguns sítios da Madeira, sobretudo no concelho do Funchal (freguesias de Santa Luzia, São Pedro e São Martinho), mas também na Ribeira Brava, Ponta do Sol e Santa Cruz. “Em termos de comparação com outros anos, temos o ano de 2016/2017 com números semelhantes de ovos capturados, mas realmente de uma forma geral, vemos que a actividade vectorial neste ciclo entomológico tem sido elevada, associada também às temperaturas mais elevadas do que em anos anteriores, o que certamente é um factor que vai influenciar a propagação do mosquito”, explica a responsável.

É através da actividade de vigilância que se mantém activa e regular desde 2012 que as autoridades conseguem detectar os aumentos da positividade da presença do mosquito e assim agir através de uma intervenção mais direccionada. “Em resposta a estas positivities temos um programa de actividade porta-a-porta”, recorda Bruna Gouveia. “Sempre

que sai um painel entomológico, internamente fazemos um relatório da actividade de intervenção”. Ou seja em resposta aos locais onde é detectada uma positividade mais elevada de densidade de mosquitos, ou que então foram alvo de reclamação por parte das pessoas através da plataforma ‘Não Mosquito’, os técnicos de saúde ambiental realizam visitas e avaliam a situação in loco.

Só no passado mês de Setembro, exemplifica a responsável, foram visitados 79 edifícios “porque, realmente, aumentando as positividades aumenta a necessidade de intervenção”. Estes 79 edifícios intervenções, alguns de habitação e outros públicos, encontram-se localizados pelos concelhos de Funchal, Câmara de Lobos, Santa Cruz, Ponta do Sol e Ribeira Brava.

Nestes locais foram feitas prospeções, ou seja, procurados criadouros e foi lá verificado se existiam lá ou não formas imaturas do mosquito *Aedes aegypti*. “O que nós vimos é que em 50 destes prédios foram identificados *Aedes aegypti*. Noutros edifícios também foram identificados criadouros, (um total de 202), mas eram negativos para a presença do mosquito”, esclarece Bruna Gouveia acrescentando que, de uma forma geral, os criadouros continuam a ser, na sua maioria, pratos/bases de vasos.

“Uma coisa que nos deixa preocupados é que realmente foram encontrados os 50 criadouros com positivos e tivemos 202 que não tinham *Aedes aegypti*, mas tinham condições para tê-los porque tinham água e com a temperatura ambiente mais elevada há condições para o vector se desenvolver. Então essa tem sido uma preocupação por isso o nosso instituto tem reforçado

o trabalho porta-a-porta”, diz a vice-presidente do IASAÚDE. Assim, durante o mês de Setembro, houve visitas a 29 habitações nas quais os moradores não estavam, mas os técnicos deixaram material informativo na caixa do correio. Nos restantes, foi feita a educação porta-a-porta. “Neste contexto foram contactadas 107 pessoas directamente pelos técnicos”, acrescenta.

Além do trabalho que é feito no terreno pelos técnicos de saúde ambiental, o IASAÚDE continua a apostar em campanhas de informação e sensibilização sobre a temática do *Aedes aegypti*. “Temos procurado reforçar a educação da população com a campanha PRE mosquito - Prevenir, Reconhecer, Eliminar - este ano muito mais nas redes sociais”, diz.

Esta campanha, que já teve início no ano passado e que se mantém em curso, tem por objectivo chamar a atenção da população para a importância de prevenir as picadas com recurso ao repelente ou evitando a exposição nas horas de maior actividade deste mosquito, mas também para a necessidade de reconhecer o *Aedes aegypti* (na Região existem outras espécies) e reconhecer os criadouros (onde eles se podem desenvolver e multiplicar) para poder eliminá-los.

Em Setembro foram detectados 202 criadouros sem mosquitos mas com condições para tê-los



Os criadouros continuam a ser sobretudo pratos/bases de vasos.

“Este mosquito efectivamente traz com ele um risco acrescido para a saúde”, diz Bruna Gouveia. “Nós, neste momento não temos doença transmitida pelo mosquito na Região, mas a sua presença constitui sempre uma ameaça que tem de ser controlada e as densidades ao mínimo fazem com que o risco de ter a doença seja também menor”. Recorde-se que o mosquito *Aedes aegypti* foi identificado na Madeira em 2005 e o surto de dengue aconteceu entre o final de 2012 e o princípio de 2013, num pico de densidade populacional da espécie. Deste então, não há casos autóctones de vírus dengue na Região.

Covid-19 não abrandou vigilância entomológica e epidemiológica

Mesmo em ano de pandemia Covid-19, a vice-presidente do IASAÚDE garante que o programa de vigilância entomológica (do mosquito) e epidemiológica (doenças transmitidas pelo vector) mantém-se activo e “é uma das prioridades independentemente das outras actividades”.

O trabalho é feito sempre durante todo o ano, não só por parte dos 18 técnicos de saúde ambiental afectos ao IASAÚDE, como também com a preciosa colaboração quer por parte das várias autarquias da Região (câmaras municipais e juntas de freguesia) e do Museu de História Natural do Funchal (que ‘controlam’ as ovitraps do concelho).

Esta vigilância e monitorização, que é feita desde 2012 e que já foi enaltecida até pelo ECDC- European Center for Disease Prevention and Control, “é vista com especial atenção e preocupação do podo de vista da saúde pública”. “Efectivamente o que nós não queremos é que tenhamos uma população [do vector] em crescimento exponencial. Também o que temos visto é que tem havido positividade mais elevada durante esta época mas o crescimento não é exponencial, ou seja, tem havido uma variação que acompanha as alterações climáticas porque há algumas semanas em que há um aumento, depois há uma di-

minuição sustentada durante 3 semanas, por exemplo, e depois voltamos a ter um aumento. No fundo, como a vigilância acontece de forma regular, a intervenção também é regular”, adianta.

Bruna Gouveia diz ainda que além do aumento da densidade populacional do mosquito, que é notado pelas pessoas, é importante que a comunidade tenha uma reacção na atenção e verificação das situações que possam estar a potenciar o desenvolvimento do *Aedes aegypti* e na eliminação dos criadouros. “Temos de ter a densidade reduzida ao míni-

mo e isso passa por ter esta vigilância activa que nos dá os alertas de quando temos de intervir, mas também precisamos da colaboração da população que tem um papel fundamental” refere, acrescentando que “a comunidade tem colaborado e é receptiva para aquilo que é importante para a saúde”.

Bruna Gouveia admite que durante e depois do surto de vírus Dengue (2012/2013) houve uma adesão muito maior às medidas de prevenção de toda a comunidade. “Agora, a adesão às medidas preventivas é menor porque se esquece da vigência da ameaça.” Mas alerta que é fundamental que não se baixe os braços, sobretudo numa fase do ano que já é conhecida como “mais crítica em termos de densidade dos mosquitos” devido à humidade e temperaturas favoráveis ao desenvolvimento do *Aedes aegypti* e “neste ano estamos a verificar um aumento da densidade em áreas que têm sido realmente de repetição que estão já identificadas como locais de grande preocupação”.

Mosquito mantém-se na costa Sul da Madeira

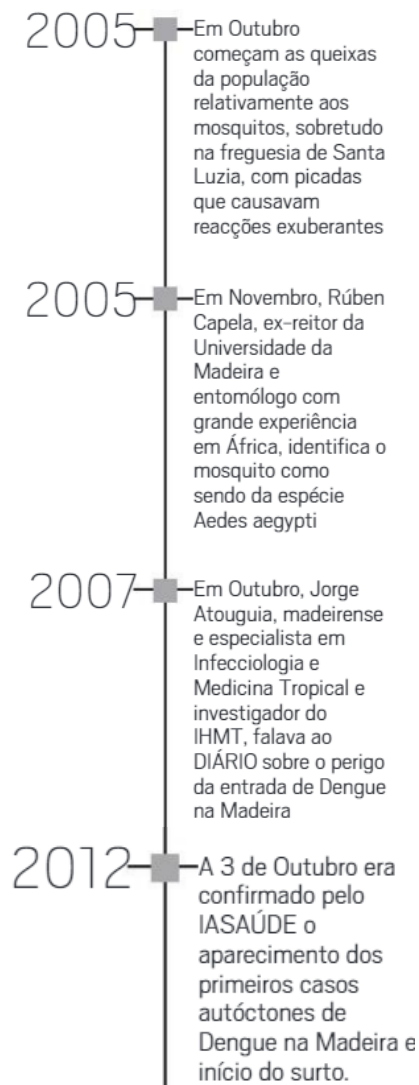
As armadilhas colocadas um pouco por todos os concelhos da Região, incluindo o Porto Santo, comprovam que a espécie *Aedes aegypti* está ‘instalada’ nos concelhos da costa Sul da Madeira, sobretudo no Funchal, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Santa Cruz. Além disso, não há reporte de actividade nas cotas superiores. “Até podem aparecer algumas positividade-

des, mas são pontuais porque o mosquito não permanece. Vemos sobretudo positividade nas cotas mais baixas das freguesias [caso de Santa Luzia, São Pedro e São Martinho] mais próximas ao nível do mar”.

O mesmo acontece com o Porto Santo, onde não há registo de positividade, tal como nos concelhos da costa Norte da Madeira. Bruna Gouveia admite que no caso do Norte da Madeira, “nos últimos ciclos tivemos já alguma positividade pontual, mas quando vamos verificar e investigar a sustentabilidade, vemos que realmente não há estabelecimento da espécie lá”, sublinha.

De qualquer modo há que manter a vigilância, até porque há outras espécies de mosquitos. “As medidas de prevenção devem ser implementadas onde o *Aedes aegypti* não existe para ele não vir a existir e também há outras espécies que não têm este risco, mas são mosquitos que têm o seu impacto na vida das pessoas. Com este aumento das temperaturas as várias espécies de mosquitos aumentam”, alerta a responsável. É sempre importante prevenir.

LINHA DO TEMPO





PREVENIR
as Picadas


Usar roupa que cubra a maior parte do corpo.

Aplicar repelente na pele exposta.

Colocar redes mosquiteiras nas portas e janelas.

Aedes aegypti
PRE Mosquito
Prevenir Reconhecer Eliminar

Região Autónoma da Madeira
Secretaria Regional de Saúde e Proteção Civil
Instituto de Administração de Saúde, DR SAUD

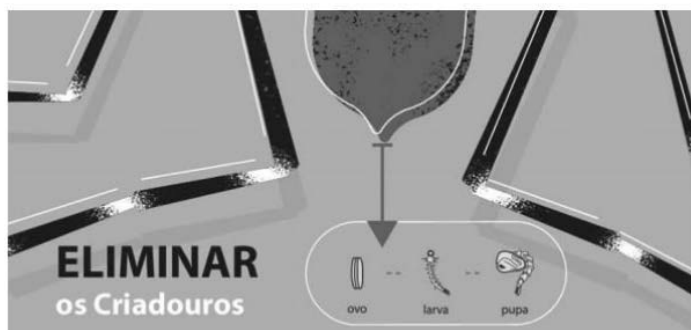


RECONHECER
o Aedes Aegypti

O mosquito adulto é pequeno (0,5cm a 1cm), de cor preta, com riscas brancas espalhadas pelo corpo, incluindo nas patas.

A fêmea alimenta-se de sangue para a maturação dos ovos que são depositados em pequenas coleções de água, onde se desenvolvem as suas larvas e posteriormente as pupas.

Voa baixo e pica durante o dia, em especial ao amanhecer e ao anoitecer.



ELIMINAR
os Criadouros

Retirar recipientes que possam acumular água, como jarras, pratos dos vasos de flores, piscinas insufláveis, lixo, pneus e outros pequenos coletores.

Lavar caleiras, jarras e bebedouros de animais frequentemente.

Desentupir e lavar sarjetas que acumulem água.

2013 — A 3 de Março era declarado que o surto de Dengue na Madeira estava oficialmente controlado. Ao longo de seis meses houve 2.167 casos prováveis e 1.080 casos laboratorialmente comprovados.

2015 — Em Novembro, foi declarado um caso de infecção por vírus Dengue na Madeira. É o último registo, até à data, da doença na Região. Tratou-se de um caso importado.

2019 — Em Abril do ano passado, alguns técnicos do ECDC estiveram na Região, a convite do IASAÚDE, para ver in loco o trabalho realizado em termos da monitorização do Aedes aegypti

2019 — Em Outubro do ano passado, o trabalho desenvolvido pela Madeira esteve em destaque na reunião anual dos estados-membros do ECDC

Ana Luísa Correia